



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

IMAGENS DO FEMINISMO NEGRO EM *O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ*, DE KIUSAM DE OLIVEIRA

Sherry Morgana Justino de Almeida

(Universidade Federal Rural de Pernambuco, sherry_almeida@yahoo.com.br)

Resumo: O trabalho propõe a análise das ilustrações de Taisa Borges para o livro *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), da escritora Kiusam de Oliveira, com vistas a compreender como o não-verbal atua na construção identitária feminina negra em uma narrativa que se volta para um público infantil. Percebe-se que, conjuntamente às referências ao imaginário da ancestralidade afro-brasileira, Taisa Borges se vale de referências à estética dos movimentos *Summer of Love*, *Flower Power* e *Black Power*, que eclodiram no ocidente a partir da segunda metade da década de 60 do século XX. Com isso, a ilustradora constrói uma imagética colorida bastante atrativa à criança leitora, a qual, além de contribuir para o dinamismo da narrativa, mostra-se bastante pertinente à postura feminista negra da escritora Kiusam de Oliveira. Dessa forma, especulamos como as ilustrações não somente complementam a narrativa verbal, mas também se configuram como narrativa “suplementar”, são formas de dizer além da história escrita: a ilustração, com a força da imagem, determina, assim como a palavra, a construção de significados na obra. Como fundamentação teórica básica, valemo-nos do pensamento de autores como Nicolajeva & Scott (2011), Pereira (2009), Dondis (1997) e Coelho (1993) sobre ilustração; de autores Tiburi (2018), Alves (2011) e Ribeiro (2018) sobre feminismo, literatura afro-brasileira e feminismo negro.

Palavras-chave: ilustração, literatura infantil, feminismo negro.

INTRODUÇÃO

A informação visual é o mais antigo registro da história humana e contemporaneamente atestamos que a visualidade se consolidou como a forma mais atrativa e, por isso, bastante eficiente de comunicação.

A experiência visual humana é fundamental no aprendizado para que possamos compreender o mundo e interagir com ele; e a infância é o período em que essa interação visual se mostrar mais intensa e, portanto, determinante na construção identitária dos indivíduos.

Dessa forma, o contato da criança com imagens se mostra um caminho fecundo para

o estímulo do imaginário e o consequente desenvolvimento crítico de sua cidadania.

Em vista disso, este texto se propõe a analisar como o não-verbal atua na construção identitária feminina negra em uma narrativa que se volta para um público infantil. Mais especificamente, voltamo-nos para as ilustrações de Taisa Borges¹ para o livro *O mundo no Black Power de Tayó* (2013), da escritora Kiusam de Oliveira²,

¹Artista visual, cursou artes plásticas em São Paulo, depois cursou a faculdade de Beaux-Arts de Paris e estilismo no Studio Berçot. É autora de livros de imagem e um livro em HQ, *Frankenstein em quadrinhos*.

²É uma arte-educadora, bailarina, coreógrafa e contadora de histórias. Doutora em Educação e mestre em Psicologia pela USP. Especialista nas temáticas das relações étnico-raciais, de gênero, da corporeidade e do candomblé de ketu, é ativista do movimento negro.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

especulando que, conjuntamente às referências ao imaginário da ancestralidade afro-brasileira, a artista visual se vale de referências à estética dos movimentos *Summer of Love*, *Flower Power* e *Black Power*, que eclodiram no ocidente a partir da segunda metade da década de 60 do século XX para construir uma imagética colorida bastante atrativa à criança leitora, a qual, além de contribuir para o dinamismo da narrativa, mostra-se bastante pertinente à postura feminista negra da escritora Kiusam de Oliveira.

Acreditamos que as ilustrações não somente complementam a narrativa verbal, mas também se configuram como narrativa “suplementar”, são formas de dizer além da história escrita: a ilustração, com a força da imagem, determina, assim como a palavra, a construção de significados na obra. Dessa forma, nesse estudo privilegiaremos a leitura no não-verbal da obra amparados no pensamento de autores como Nicolajeva & Scott (2011), Pereira (2009), Dondis (1997) e Coelho (1993) sobre ilustração; e em diálogo com teorias que discutem conceitos como identidade e feminismo negro a partir de autores como de autores como Butler (2003), Scott (1990), Tiburi (2018), sobre

gênero e feminismo; Alves (2011) e Ribeiro (2018) sobre literatura afro-brasileira e feminismo negro. Isso significa dizer que, embora rcorreremos ao texto verbal de Kiusam para apreender os discursos contidos na sua narrativa, serão as imagens de Taisa Borges nosso cópupus prioritário, pois que visamos uma compreensão do imaginário visual que é ofertado a criança para que ela identifique-se positiva como criança negra na sociedade de maneira. *O mundo no Black Power de Tayó* que, ao contar a história da menina Tayó, com 6 anos, revela como a percepção de beleza passa pelo reconhecimento de imagens e referências positivas de nossa origem, tornando a criança menos suscetível à adequação a padrões de beleza e de comportamento impostos pela sociedade de consumo. Noutras palavras, buscamos entender como as ilustrações dessa obra encaminham a criança a uma percepção empodeirada da negritude, configurando-se como discurso artístico do feminismo negro.

UM BLACK POWER QUE CARREGA O UNIVERSO DO FEMINISMO NEGRO: UMA LEITURA DO NÃO-VERBAL

Ver é uma experiência direta, e a utilização de dados visuais para transmitir informações representa a máxima aproximação que podemos obter com relação à verdadeira natureza da realidade. Dos sentidos que nos

Tem também publicados os livros *Omo-Oba: Histórias de Princesas* (2009) e *O mar que banha a ilha de Goré* (2014)



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

permitem conhecer e reconhecer o mundo, a visão se configura como o mais poderoso instrumento de compreensão e domínio do real.

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento "manual", o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. Esses sentidos são rapidamente intensificados e superados pelo plano icônico — a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientais e emocionais. Praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver. (DONDIS, 1997: 5)

Ao considerar a verdade dessa constatação, entendemos que os estímulos visuais ofertados a um indivíduo na sua infância são determinantes para a construção de seu imaginário e, por conseguinte, para a sensibilização de sua percepção do mundo. Decorre disso, a conscientização de familiares e de educadores para que se coloque a criança, o mais intensiva e ostensivamente, em contato com formas e cores diversas.

Em todos os estímulos visuais e em todos os níveis da inteligência visual, o significado pode encontrar-se não apenas nos dados representacionais, na informação ambiental e nos símbolos, inclusive a linguagem, mas também nas forças compositivas que existem ou coexistem com a expressão factual e visual. Qualquer acontecimento visual é uma forma com conteúdo, mas o conteúdo

é extremamente influenciado pela importância das partes constitutivas, como a cor, o tom, a textura, a dimensão, a proporção e suas relações compositivas com o significado. (DONDIS, 1997: 12)

Isso posto, verificamos que, inegavelmente, a inserção da literatura infantil ilustrada na vida criança contribui sobremaneira para tornar ainda mais eficiente e crítica sua formação leitora e, portanto, cidadã.

Já é conceito incorporado pela didática moderna que a *linguagem visual* dos desenhos, imagens ou ilustrações, associada à *linguagem verbal*, é das mais eficazes como processo educativo, — não só no sentido de promover o encontro da criança com o *imaginário literário* (que tanto a seduz), mas também no seu *desenvolvimento psicológico*. (COELHO, 1993: 179) [grifos da autora]

Nesse sentido, o livro ilustrado potencializa o estímulo ao desenvolvimento psicológico da criança, pois que ele explora a capacidade leitora em, pelo menos, dois níveis: o verbal e o visual. ,

O caráter ímpar dos livros ilustrados como forma de arte baseia-se em combinar dois níveis de comunicação, o visual e o verbal. Empregando a terminologia semiótica, podemos dizer que os livros ilustrados comunicam por meio de dois conjuntos distintos de signos: o icônico e o convencional. (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011: 13)

Logo, é importante que destaquemos que, para estudar um livro ilustrado é necessário dar conta da zona interseccional de



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

imaginários criada pelo diálogo entre o icônico, o não-verbal, e o convencional, verbal.

Para nós, então, importa entender como se dá o desenvolvimento psicológico da criança leitora do imaginário literário da obra de Kiusam de Oliveira a partir dessa associação entre o não-verbal e o verbal. Observemos a figura 1, que se constitui como a primeira ilustração do livro, numa espécie de folha de rosto. Não há texto verbal, apenas a silueta da lateral do rosto da menina, que descobriremos mais adiante ser Tayó, e muitas aves em preto e branco. Há na composição de fundo a predominância das cores rosa, vermelho e amarelo.

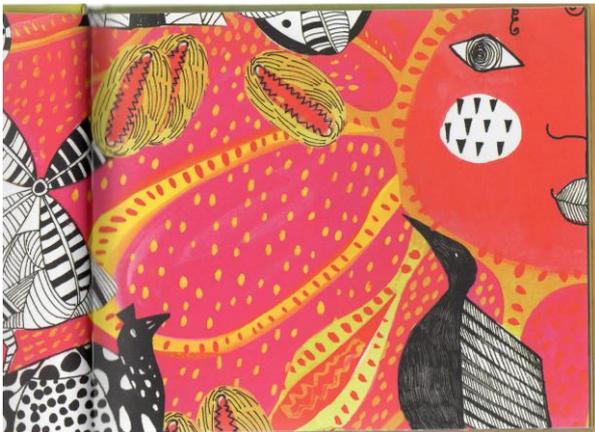


Figura 1

O vermelho, simbolizando coragem, associa-se à feminilidade do rosa e ao brilho racionalizante do amarelo para compor um cenário de abertura bastante estimulante e atrativo. As aves que compõem a imagem simbolizam proteção, inteligência e sabedoria. No livro, percebe-se que elas apontam para o

divino, e são recorrentes em toda a imagética e na fábula da narrativa, posto que Tayó se comunica a todo momento com a natureza e seu cabelo parece conter todo o universo de “belezas infinitas”. As aves que aparecerão em várias outras ilustrações do livro simbolizam, principalmente, a liberdade, pois que Tayó nos é apresentada como uma menina livre e sem medos. Algo que se pode comprovar no seguinte trecho verbal:

Bem-humorada, quando seus colegas de classe dizem que seu cabelo é ruim, ela responde:

– MEU CABELO É MUITO BOM porque é fofo, lindo e cheiroso. Vocês estão com dor de cotovelo porque não podem carregar o mundo nos cabelos como eu posso. (OLIVEIRA, 2013: 27) [grifo da autora]

Tayó é figurada como liberta e portadora de um discurso de valorização de sua identificação com a negritude. Ao responder às ofensas racistas, ela permite que cotejemos seu discurso com a postura do feminismo negro, que, entre outras premissas, afirma que

Ideias racistas devem ser combatidas, e não relativizadas e entendidas como mera opinião, ideologia, imaginário, arte, ponto de vista diferente, divergência teórica. Ideias racistas devem ser reprimidas, e não elogiadas e justificadas. (RIBEIRO, 2018: 39)

Tayó não se deixa oprimir pelo racismo dos colegas e, em seu combate, tem por arma sua beleza e o instrumento de força é seu cabelo, conforme se vê na figura 2:



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

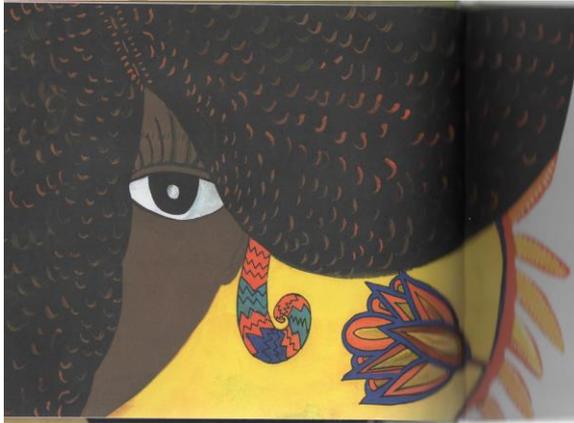


Figura 2

Em destaque o cabelo volumoso negro, simbolizando força; o olho grande também negro e uma flor que se assemelha à de lótus sob um fundo amarelo. O olho em destaque como símbolo de percepção intelectual se coaduna com o fundo de cor amarelo para dizer que Tayó sabe ver as coisas é inteligente para entender o mundo. A esse quadro soma-se a ideia de pureza de corpo e de mente trazida pela flor de lótus. Tayó é, na sua pureza infantil, uma grande e forte feminista, que se vale da beleza de seu cabelo black power para se empoderar frente a seus colegas. “Tayó é uma princesinha que chega em forma de espelho para que outras princesinhas se mirem, se reconheçam e cresçam, cumprindo a única missão que nos foi dada, ao virmos viver neste planeta: a de sermos felizes.” (FAUSTINO *apud* OLIVEIRA, 2013: 41)

Vejamos a figura 3:



Figura 3

Nessa figura, o cabelo *black power* de Tayó ganha destaque em contraste ao fundo colorido, com predominância do azul, que pela relação com o céu, além da tranquilidade e da iguindade, vem ratificar o divino e a liberdade que delineiam a personalidade da menina, a qual figurativamente tem sua negritude ratificada pelo poder do seu cabelo negro, seu Black Power.

O movimento *Black Power*³, que surgiu nos Estados Unidos durante as grandes mobilizações da população afrodescendente pela igualdade de direitos civis nos anos 1960 do século passado, e teve forte influência sobre as populações negras da América Latina e do Caribe nos anos e décadas seguintes.

³ A expressão *black power* (poder negro) foi criada por Stockley Carmichael, militante radical do movimento negro nos Estados Unidos, após sua 27ª detenção, em 1966. “Estamos gritando liberdade há seis anos”, anunciou Carmichael. “O que vamos começar a dizer agora é poder negro.”



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Ademais, cabe destacar que o colorido da ilustração da figura 3, assim como muitas outras ilustrações do livro, mostra um diálogo forte com a estética *pop* de outros movimentos que vieram a florescer a partir de 1960. O *Flower Power* (Poder das Flores), ver figura 4, foi um *slogan* usado pelos hippies dos anos 60 até o começo dos anos 70 como um símbolo da ideologia da não-violência e de repúdio à Guerra do Vietnã. O termo foi utilizado pela primeira vez pelo poeta Allen Ginsberg em 1965.



Figura 4

Tanto o movimento Black Power quanto o Flower Power são movimentos que se ligam ao *Summer of Love* (Verão do Amor), o qual se constituiu como um fenômeno social com manifestações⁴ em várias partes do mundo em

⁴ A passeata pela paz realizada no dia 15 de abril (na primavera) de 1967 em Nova York é considerada um marco do início desse fenômeno social. Essa manifestação reuniu cerca de 300 mil participantes, sendo o maior ato político realizado nos Estados Unidos até então.

meados de 1967 durante o verão do hemisfério norte. O movimento contou com a participação de romancistas premiados, astros do *rock*, *hippies*, professores e pessoas simples da classe média, para protestar contra a Guerra do Vietnã. O *Verão do Amor* é considerado como tendo sido uma experiência social inovadora. A oposição à guerra foi um impulso para buscar valores e estilos de vida "alternativos". Uma nova era, na qual as pessoas "fariam amor, não guerra".

Nesse ponto, cabe ressaltar que o diálogo com o *Summer Love* não se dá apenas pelo não verbal, o texto verbal da narrativa diz que Tayó é portadora de um discurso de não violência, um discurso pelo amor: "Grossos e escuros como o orobô, seus lábios encantam, só se movendo para dizer palavras de amor." (OLIVEIRA, 2013: 14). Esse texto se associa a ilustração da figura 5:



Figura 5

Conjuntamente às referências à estética desses movimentos, percebemos a presença marcante de imagens que remontam à ancestralidade africana. Quando a mãe de Tayó se põe a colher flores para enfeitar o *Black Power* da



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

filha, a posição voltada à terra aponta para a representação do Orixá Nanã Opará, conforme se vê na figura 6:



Figura 6

A presença dessa ancestralidade africana no imaginário da narrativa se confirma no texto verbal quando a a narradora afirma:

Incrível mesmo é TAYÓ. Nem enquanto dorme seu penteado fica desabitado. Por vezes, ele é povoado por seus ancestrais, os zelosos ORIXÁS, que a protegem e não a deixam se quer esquecer de que é descendente da mais nobre CASTA REAL AFRICANA. (OLIVEIRA, 2013: 32) [grifos da autora]

Esse texto se segue da ilustração que nos remete às cores de Iemanjá – no lençol que parece o mar a cobrir Tayó -, no cabelo *Black Power* ornado pela escuridão da noite, como se percebe na figura 7:



Figura 7

Ao ler todas essas ilustrações constatamos que a imagem é capaz de narrar uma história tanto quanto as palavras. Ou mais propriamente, “a ilustração aumenta de modo sutil e dramático as insinuações do texto.” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 60). Dito de outra maneira, o texto não-verbal de Taisa Borges diz além do que o texto verbal Kiusam de Oliveira. Mais do que a ideia de complementaridade da ilustração em relação à narrativa verbal, a imagética de *O mundo no Black Power de Tayó* oferta histórias sobre ancestralidade e reconhecimento da cultura afro-brasileira que não estão descritas pelas palavras. Com isso, ela diz mais além e se torna fundamental para a desconstrução do padrão de corpo e de beleza imposto pela sociedade machista e patriarcal. Nesse sentido, configura-se como uma obra feminista negras, pois que se constrói na intersecção de diferenças ao modelo



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

hegemonico: traz uma criança, do sexo feminino e afrodescendente como protagonista.

Podemos falar também da pluralidade de propostas e posturas no âmbito feminista que incluem mulheres de todas as idades, raças, crenças, plasticidades, escolaridades, sexualidades. A dialogicidade do feminismo refere-se a essa presença concreta das diferenças. O feminismo é um espaço-tempo, no qual habitam a multiplicidade dos corpos em relação não violenta. (TIBURI, 2018: 45)

Outra questão que se pode levantar a partir dessa análise é a das escritoras brasileiras afrodescendentes. Poder-se-ia discutir a invisibilidade histórica que, no mundo e no Brasil, a qual se legou a produção de mulheres escritoras negras, pois que a imagem de mulher

inferiorizada, muitas vezes pré-determina e condiciona a posição a ser ocupada pelas afrodescendentes, não só nas relações sociais, mas inclusive no mundo das representações artísticas em geral e particularmente na literatura. (ALVES, 2010: 63)

Contudo, acreditamos que *O mundo no Black Power de Tayó*, por sua afirmação positiva da condição feminista negra nos encaminha para uma consideração final otimista nas futuras gerações. Principalmente, ao considerarmos que se trata de um livro dedicado ao público leitor infantil, podemos manter a esperança de que seus leitores serão desconstrutores do machismo, do racismo, da misoginia e

propagadores de um convívio social de paz e amor.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Mirian. **BrasilAfro Autorrevelado: Literatura Brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática**. 6 ed. São Paulo: Ática, 1993.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro Ilustrado: Palavras e Imagens**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- PEREIRA, Nilce M. Literatura, Ilustração e o Livro Ilustrado. In: BONNICI, T.; ZOLIN, L. O (Org). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. Maringá: EDUEM, 2009.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. 4 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.